

BAURU E O MORGADO DE MATEUS

Benedito Barbosa Pupo

Campinas ainda não tributou ao Morgado de Mateus, autor intelectual de sua fundação, as homenagens que ele merece. Aliás, essa notável figura de estadista e administrador de São Paulo na época colonial, é pouco conhecida, não só em Campinas mas no próprio Estado. De homenagem públicas, que permitam a evocação de tão ilustre figura, só tenho conhecimento de três: a rua **Morgado de Mateus**, na Capital; a rua **Luiz Antônio de Souza**, em Campinas; e, recentemente, o Museu Histórico-Pedagógico **Morgado de Mateus**, em Bauru.¹

No ano passado (1984) tive a honra de ser convidado pelo Professor Hilário Rosa, diretor do Museu de Bauru para participar de um simpósio durante as comemorações do quinto aniversário da instituição. Apenas dois fatos justificavam o convite: a doação, que fiz ao Museu, de alguns pôsteres obtidos de microfilmes com mapas da capitania e outros documentos que se encontram no Arquivo de Mateus, da Biblioteca Nacional; e o trabalho por mim desenvolvido em Campinas, estudando e publicando matéria relacionada com a participação do Morgado de Mateus na fundação de Campinas.²

Essa minha participação, que não modificou a história, pois esta não se altera ao sabor dos historiógrafos, apenas deu nova versão, graças à documentação apresentada, a fatos relacionados com a história da cidade.

Do simpósio de Bauru, realizado em 13 de agosto de 1984, nas Faculdades Sagrado Coração de Jesus, participou também a historiadora

(1) Quando vereador, o médico campineiro Ataliba de Camargo Andrade propôs que se homenageasse com nome em rua da cidade Morgado de Mateus. Aprovada a medida, a Prefeitura, em vez de atribuir à rua o nome de **Morgado de Mateus** (pelo qual se tornou conhecido em nossa história), denominou-a simplesmente **D. Luís Antônio de Souza**. E ocorreu, ainda, outra anomalia: nas placas da rua (no Jardim Proença) foi omitida a letra "D". ou o título "Dom", a que o homenageado fazia jus. A rua passou simplesmente a ser denominada **Luís Antônio de Souza**, nome inexpressivo e que não identifica o ilustre governador de São Paulo colonial.

(2) Pupo, Benedito Barbosa — *À margem da História de Campinas*, com o parecer da Comissão de Educação e Cultura da Municipalidade sobre o projeto de lei oficializando a data da fundação da cidade, precedido do resumo da marcha do processo. Campinas, 1976. 2ª edição. (A 1ª edição foi promovida pelo Banco do Brasil quando sua agência comemorou o cinquentenário da instalação em Campinas.

Heloisia Liberalli Bellotto, consagrada autora de vários estudos sobre Capitania de São Paulo e o Morgado de Mateus, inclusive sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo sob o título **Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo**.

Perante audiência interessada e participante, a sessão onde relatei a presença atuante do Morgado nos acontecimentos que culminaram com a ereção, em 14 de julho de 1774, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, na paragem então denominada **Campinas do Mato Grosso**, foi para mim muito auspiciosa, porque pude constatar o verdadeiro amor com que Bauru reverencia a memória do restaurador da Capitania de São Paulo, no período pombalino. Bauru, que só recentemente, por ato governamental teve o nome do ilustre fidalgo vinculado à cidade, dá um exemplo a Campinas, que ainda reluta em colocar o nome do Morgado de Mateus no monumento em honra de seus fundadores, na Praça Guilherme de Almeida.

Criado por decreto de 19 de novembro de 1958, somente onze anos mais tarde, quando Bauru, a 1^o de agosto de 1979 completava oitenta e três anos, foi instalado o Museu Histórico-Pedagógico Morgado de Mateus, incluído na categoria de "museus do período colonial", já que o decreto estabelecia três categorias para as instituições do gênero então criadas no Estado de São Paulo: a) período colonial; b) período monárquico; e c) período republicano. Cada um deles têm como patrono uma figura da época (Campos Sales, por exemplo, é patrono do de Campinas).³

Para explicar a vinculação de sua cidade com o Morgado de Mateus, passo a palavra ao Professor Hilário Rosa: "Embora Bauru tenha sido elevado à categoria de município a 1^o de agosto de 1896, pouco mais de três anos após ter sido criado o Distrito de Paz, portanto de povoamento recente, e já do período republicano, os planejadores dessa rede de museus resolveram relacionar o Museu de Bauru com o Morgado de Mateus. A criação dessa rede de museus em São Paulo deve-se principalmente ao Professor Vinício Stein Campos. Escolheu-se esse nome porque a posição geográfica de Bauru está relacionada com as nossas

(3) Em um dos considerandos do decreto 33.980, de 19 de novembro de 1958, lê-se que o museu deve consagrar-se "à reconstituição histórica da cidade em que está sediada, da vida do respectivo patrono e do período histórico-social paulista e brasileiro ligado à atividade política da personalidade que especialmente cultua". Esse ato dispunha sobre a complementação da rede de museus criada pelo Governador Jânio Quadros pelo decr. 30.324, de 10 de dezembro de 1957. Por despacho do Governador Paulo Maluf de 6 de outubro de 1981 foi autorizado convênio entre a Secretaria de Cultura do Estado com a Prefeitura de Bauru para organizar, manter e desenvolver o Museu Morgado de Mateus.

fronteiras ocidentais, máxime as de Mato Grosso. Dadas as preocupações do Morgado de Mateus com a região, justificava-se plenamente tal vinculação”.

Tão logo foi o museu instalado, cogitou-se na cidade de enviar-se a Portugal uma comissão para conhecer o Solar de Mateus, na Freguesia do mesmo nome, distrito de Vila Real, na Província de Trás-os-Montes. Tal comissão teve como coordenadores o professor Hilário Rosa, na parte cultural, e o sr. Roberto Polido Padilha, então presidente do Rotary Clube de Bauru, na parte administrativa. Dos resultados da Comissão, fala o Professor Hilário Rosa: “Em Portugal, tivemos o apoio do Rotary Clube de Vila Real, que usou de todo o seu prestígio e influência para facilitar nosso trabalho. Os dois clubes, o de Bauru e o de Vila Real, declararam-se então clubes irmãos. Uma comissão de rotarianos portugueses composta pelo presidente do Clube de Vila Real, sr. Manuel Gouveia, e os srs. Manuel Simões, Manuel Rebelo Cardona e Adolfo Sequeira, atuou junto ao titular do Solar de Mateus, engº Fernando de Albuquerque, conde de Mangualde. A comissão contou, ainda, com o apoio do embaixador brasileiro em Portugal, Dario de Castro Alves. De Portugal trouxe o Professor Hilário Rosa valioso material para o acervo do museu que dirige: “Como consequência dessa viagem, temos hoje em Bauru um rico acervo relacionado com o Morgado de Mateus: 3678 documentos xerocados, cópias de originais existentes na Casa de Mateus, transformando-se, assim, o museu em depositário de grande importância para o estudo da época e do governo do Morgado, que vai de 1765 a 1775. O “diário” de seu governo é uma das peças mais interessantes do acervo, pois se trata de relato que abrange a atuação de D. Luís Antônio durante cerca de dez anos, como governador (capitão-general) da Capitania.

Visitando o museu de Bauru pude admirar a preciosa coleção ali existente, inclusive a iconográfica, obtida em Portugal. Do acervo iconográfico, destacam-se a coleção de diapositivos com vistas do parque e interior do grande solar e um grande “poster” a cores, do Morgado. Instalado no prédio do Departamento de Águas e Esgotos, o museu abriga, ainda, excelente hemeroteca, na qual figuram coleções de jornais da cidade, destacando-se o acervo que pertenceu ao falecido jornalista José Fernandes, grande estudioso do passado de Bauru. Embora distante do centro, o Museu é muito visitado, constituindo-se em grande atrativo. As construções, situadas em amplo parque e que serviram originalmente para estação de tratamento de águas, estão sendo adequadamente preparadas para atender às exigências de um museu.